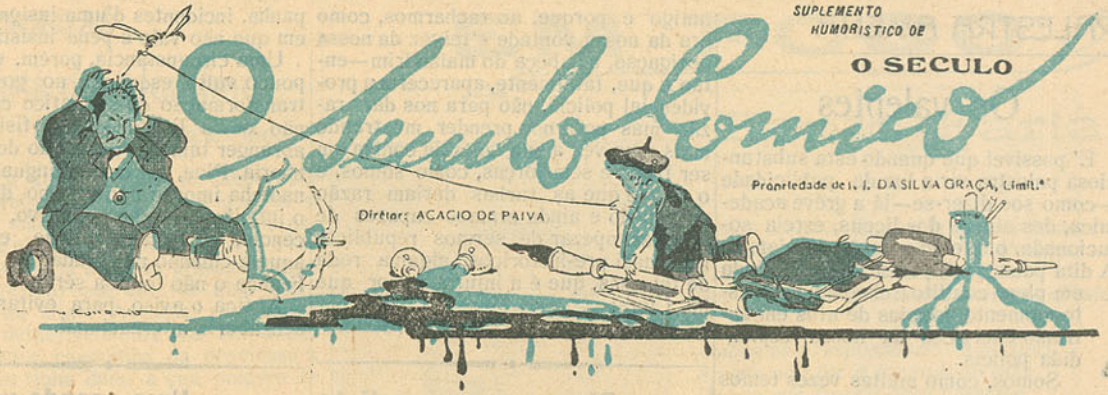


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de I. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA

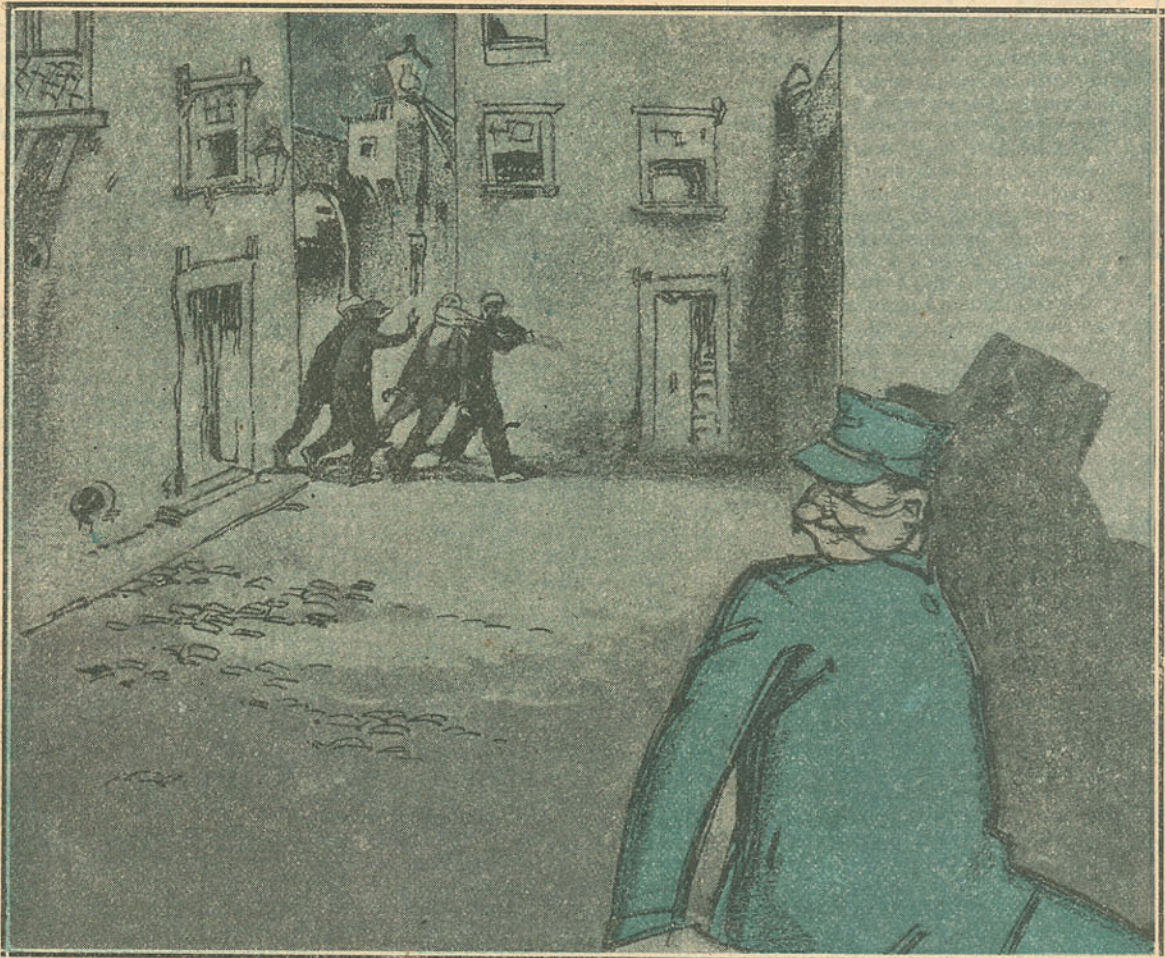


Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

O' noites de Lisboa, o' noites de poesia!

«A noite passada foi atacado na rua...
o sr. F... por um bando de apaches».
(De todos os jornaes, de todos os dias)



— O' da guarda!

O DA GUARDA:

— Não posso agora lá ir, que estou com muita pressa!

PALESTRA AMENA

Os valentes

E' possível que quando esta substanciosa palestra vir a luz da publicidade — como soe dizer-se — já a grêve académica, dos alunos dos liceus, esteja solucionada, o que do coração desejamos. A dita palestra é, porém, escrita ainda em pleno conflito e chegam-nos n'este momento notícias de atos em extremo energicos da nossa esplendida policia.

Somos, como muitas vezes temos provado, pessoa de bom senso e como tal queremos que a policia seja respeitada, assim como todas as autoridades. Nada nos contraria mais — a não ser, talvez, umas malditas frieiras de que estamos sofrendo — do que assistir ao frequente espetáculo das turbas a gritarem «larga o preso», quando não a tirarem o preso das mãos do guarda, que ainda se dá por satisfeito quando não leva uma sova ainda por cima, em obediencia áquele aforismo afacinha que dizia que «a policia era para levar, a guarda municipal para dar e levar e a tropa de linha para dar.»

No entanto, não nos repugna menos a *valentia* da policia dadas certas circunstancias, por exemplo quando é absolutamente desnecessaria a intervenção do sabre ou do murro, e é assim que sentimos calafrios ha pouco quando lemos que um guarda quiz agredir alunas do liceu Maria Pia e outros prenderam um estudante de quatro palmos de altura.

Quaisquer que fossem os crimes dos pequenos a agressão não nos parecia indispensavel, e quanto á prisão do académico, aparatosa por sinal, vê-se que foi tão arbitraria que no governo civil o soltaram imediatamente, de onde se pôde depreender que onde a policia mais falta faz é que não aparece, e onde a sua ausencia seria muito de desejar é que ela se apresenta, manifestando uma força e um mau genio deveras mal empregados.

A proposito, contemos um facto presenciado por estes olhos que a terra ha de comer, no caso de alguma grêve de empregados municipais não impedir a voracidade dos vermes, como ha pouco aconteceu, deixando-nos insepultos:

Dobravamos a esquina da rua do Almada para o Chiado, quando vimos um cavalheiro levemente embriagado dar um safanão n'uma senhora, que descia a rua. A senhora foi de encontro á parede e n'esse momento o bebedor... cuspiu-lhe, afastando-se em seguida, com uma gargalhada, sem que a mais simples bengala de transeunte se lhe tivesse quebrado nas porcas das costelas.

A senhora ficou a limpar-se e nós seguimos Chiado acima, com remorsos de não termos cumprido o nosso dever e entregando-nos a locubrções estereis sobre o serviço policial.

— E porque não interveio você, seu burro? perguntará o leitor indignado.

Porque somos macaco velho, leitor

amigo e porque, ao racharmos, como era da nossa vontade e talvez da nossa obrigação, a cabeça do malandrim — então é que, fatalmente, appareceria a providencial policia, não para nos dar razão mas para nos prender, mostrando mais uma vez a sua valentia contra um ser fraco e sem forças, como somos, e o peor é que as turbas dariam razão ao bebedor e ainda eramos capazes de apanhar, apezar de sermos republicanos quasi pre-historicos, alguma roda de talassas, que é a injuria maior que ha. Livro!

J. Neutral.

Pina, o propagandista

E' sabido que o nosso Augusto Pina, em vista das suas aptidões para cenografo, estava naturalmente indicado para dirigir uma publicação ilustrada, com o fim de fazer propaganda patriótica portugüesa.

Más linguas da nossa terra disse-ram logo em principio que o governo



fazia bota em encarregar Augusto Pina de tal missão. Como é da praxe, o governo não fez caso da observação e teve muito gosto em meter na algibeira do nosso Pina alguns milhares de escudos.

— Para a propaganda? pergunta o leitor...

Já se vê que sim; para a propaganda pelo facto, que consistia em transformar Augusto Pina n'um bom exemplar de portugüês, porque a sua figura chupada, ossuda e verde-negra era, por assim dizer, uma vergonha para a patria que o deu á luz e o que se desejava era mandar passear por Paris um portugüês de encher o olho, expôr na capital do mundo civilisado um portugüês *comme il faut*.

Eis a razão por que se procurou preencher os vasilhos de Pina com adiposidades convenientes, dando-lhe uma elegancia que reflectisse o lustre nacional.

A revista era um pretexto, apenas — para não se dizer que se sustentava uma pessoa sem occupação, e de aí os inglezes suporem que o sr. dr. Bernardino é Braz e que Lisboa fica em Hes-

panha, incidentes d'uma insignificancia em que não vale a pena insistir.

Uma circumstancia, porém, e não de pouco vulto, esqueceu ao governo: a transformação do simpatico cenografo não devia limitar-se ao fisico, mas abranger tambem o apelido de sua senhoria. Pina, em certas linguas, é um nadinha imoral: não vem no dicionario o infinito do verbo respetivo, por decencia, mas creiam que emquanto aquele cidadão não mudar de nome a França o não toma a sério.

Ái fica o aviso, para evitar alguma sensaboria internacional.

Uma grande verdade

Uma grande verdade é a seguinte, escrita um dia destes pelo nosso querido doutor Amilcar de Sousa: «Quem cura é a Natureza».

Pois é. E agora, se os seus doentes lhe não pagarem a visita, com o pretexto de que não foi sua excellencia que os curou mas sim a Natureza, queixe-se á sua avó.

No lixo

Terminou, infelizmente, a grêve dos empregados da Camara Municipal, não nos dando tempo para medir com exactidão a resistencia do lisboeta á porcaria.

Sabe-se que o lisboeta vive no lixo como o peixe n'agua, consolando-se infinitamente com os aromas e mais partes dos restos de peixe podre, das tripas de galinhas, das baratas mortas, dos presentes de gato e outras delicias que enchem as escadas dos predios da capital ou aboboram durante semanas inteiras á porta da rua. O que, porém, ainda se não conhece é quanto tempo pode durar um ente habituido a esse meio.

Julgámos que d'esta vez o problema ficaria resolvido, mas a vereação



que foi desmancha-prazeres até o fim do seu mandato, nunca pôde vêr uma camisa suja a ninguem, e zás! fez a vontade aos seus empregados.

Esperemos para nova grêve, que certamente se não fará esperar, rogando aos srs. alfacinhas a fineza de não tomarem banho de aqui até então, para se não habituarem mal. Se lavam, estragam.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa d'um anjo.

Intão u Almeida Crus já casou com a caxopinha que estava na Figueira, in casa da mãe d'ele? Fica çabendo caquilo de ele istar a viver com a Palmira Bastos já a cabou grassas a deus i ó çacreficio que ela fez uma noite d'estas nu triato Avenida, resulvendo largalo defnetivamente pra nan impar a prove caxopinha da pruvinsa a quem ele tinha dado a çua palavra de casamento.

Mas porem todávia a coisa nan ce fês in duas palavra: i cem munta desafinassão; levou nada menos de 3 atos duma pessa xamada *Rusita*, qué a alcuha ca Palmira tem agora, levou 3 tuáletes d'alto lá cum u xaruto, prá impreza paçar cum lingoa de palmo i levou, infim, uma múseca touda paxeca, que deu um trabalhão a fazer purque foi per-izo andar a tirála aqui i ali, de zrazuelas, de upretas, do diabo!

Tamem u noço Crus ce cuntinúa, nan ceia dondes iria parar cum as inzigncias da cidadõa! Inmagina que ela agora vai prá ortas vestida touda de çeda, cum



culares de pérulas ó pescosso, é de setra, é de setra! Foi melhor acim pró rapaz, imhora a ceparassão nan ce fizesse cem larguimas, nu meio de muntas xalaças du sr. Ruquete i du sr. Faria, que foram os adevugados do divorsio; aquilo é altrenado, larguima e riso, pró çacrefissio nan custar tanto a ingulir ós çacreficados, que ção perinçipalmente us ispétadores. Dessa manêra a jente nan aciste de toudo triste á desgrassia, que cem u tempêro das xalas as era um interro de prumeira classia purque rialmente a parte cintimental i dramáttega inté xega ó tutano duma peçoa: çó aquela du Zé Ricardo gastar 19 testões in meias de petis pra ver ce tem grassa é de fazer xurar u pórprio Sésar da Roxa, que istá sempre a rir.

Cum isto nan te infado mais, tremnando cum a notissia ca Telvininha istá de casa i pucarinho cum u Xico das pégas, brabêro na enátividade i grevista, que é a purfissão mais rendosa cá de Lisboa.

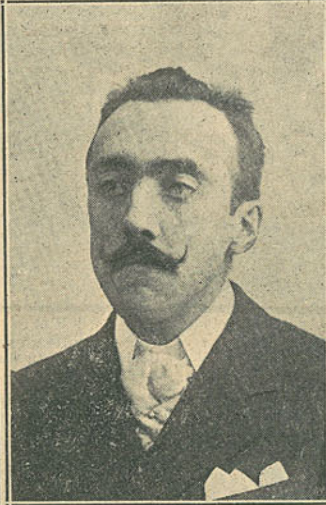
Adeus inté quando deus i o cinhor afoço Costa quixerem i arresebe u curasão sódoso du teu ispouso i fiel demucrativo.

Jerolmo

Emprezario do Paulteama
de Péras-Ruivas

EM FOCO

Bento Faria



*Tendo o nosso Roquette eu já cantado
Com respeito á primeira da «Rosita»,
Era coisa muitissimo exquisita
Deixar no olvido o Bento, autor do «Fado».*

*Ambos são responsaveis no pecado,
Ambos vão ter a formidavel dita
De vêr sua figura aquí descrita,
Na gloria entrando os dois de braço dado.*

*Agora, já que estão de mãos na massa,
E' fazer outra peça n'um momento
Embora, em parte, a de hoje satisfaça;*

*Não lhes falta laracha nem talento;
Venha outra a vapor, mas só com graça,
E mandem ao diabo o sentimento!*

BELMIRO.

O roubo no mercado do peixe

Lembram-se? Alguns cidadãos engenhosos fabricavam senhas que vendiam, como se fossem autenticas, isto é, da autoria da Camara Municipal, aos peixeiros, para estes terem o direito de exporem a mercadoria em determinado espaço de terreno.

Pois agora já consta que os principaes culpados são, afinal, não as pessoas de principio apontadas, mas os patifes dos peixes, que assim iam fazendo o seu negocio, explicando-se que algum tenha passado pela malha, por ser mais vivo que os colegas.

E' claro que, como de costume, não serão incomodadas as pescadas do alto.

Os bailes russos

Ha muito que não se fazem tão mirabolantes reclames em jornaes e cartazes, como os que tem aparecido a proposito dos bailados russos no Coliseu.

Parece-nos, entretanto, desnecessaria a despesa—que não deve ter sido pequena—no atual momento.

Todes sabem que hoje não ha ninguém que, em questão de dança, ponha o pé adiante aos russos. E são na corda bamba!

Explicação

Como hão-de ter visto o nosso illustre colaborador *Jerolmo*, de Peras Ruiças, ficou intrigadissimo com dois factos, na representação da peça *Marianela*: o modo como o medico restituiu a vista ao Robles Monteiro e a causa da morte da pequena.

Escreve-nos um observador pondo tudo em pratos limpos: a Marianela morreu por se lhe ter esfriado repentinamente o ceu da boca, e o Robles

Monteiro recuperou a vista porque lhe fizeram aos olhos a operação da ovariectomia.
Pronto.

Qual é o maior actor?

Um semanario teatral pergunta aos seus leitores qual será o maior ator, tencionando depois de apurados os votos, dar ao eleito não sabemos que premio.

Muito desejaríamos tambem votar, com a autoridade que todos nos conhecem, mas estamos indecisos porque a pergunta não é suficientemente explicita. «Qual é o maior actor», em que sentido?

Referindo-se, por exemplo, ás orelhas—o ator que as tem maiores é o Luiz Pinto, se alude aos pés, os de maior vulto são, parece-nos, os do Pato Moniz; o de maior nariz é... é um cujo nome ocultamos porque ele não gosta nada que lhe falem na penca, tal como acontecia ao Cyrano.

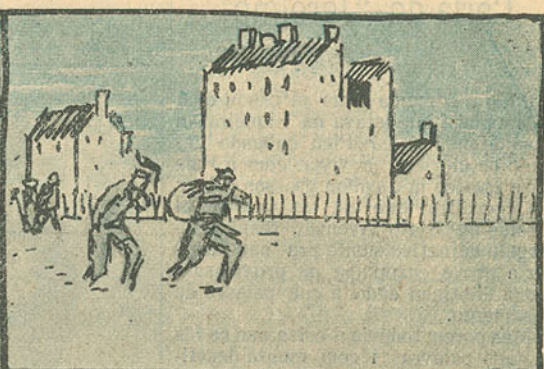


Emfim, o provavel é a pergunta dizer respeito ás tres dimensões de todos os volumes, comprimento, largura e profundidade, e assim temos que:

o de maior comprimento é o João Lopes;
o de maior largura é o Chaby;
o de maior profundidade é o Rafael Marques—moralmente falando, por interpretar Jesus Cristo.

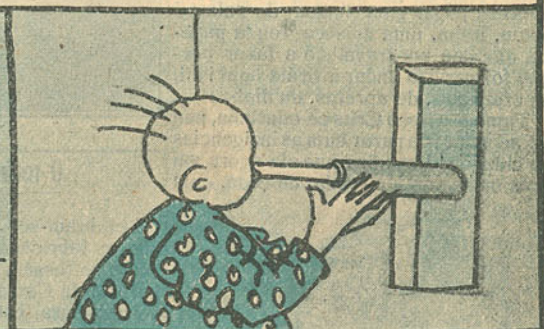
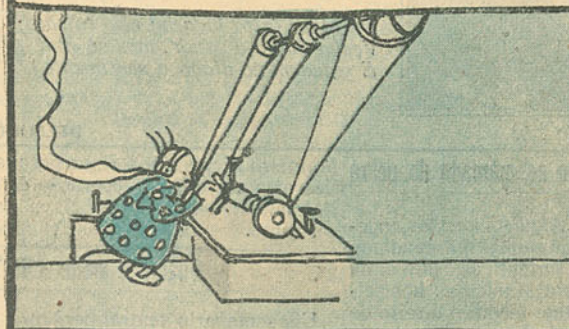
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

15.^a Parte — 1.^o Episódio A QUADRILHA EM PANCAS — (Continuação)



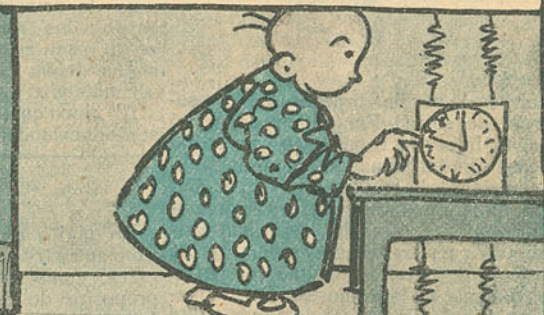
1.—A quadrilha do *Olho Vivo* resolveu atacar a fabrica onde o Manecas se encontra.

2.—Os salteadores encaminham-se para o local, com pés de lã, em vista do frio que tem feito.



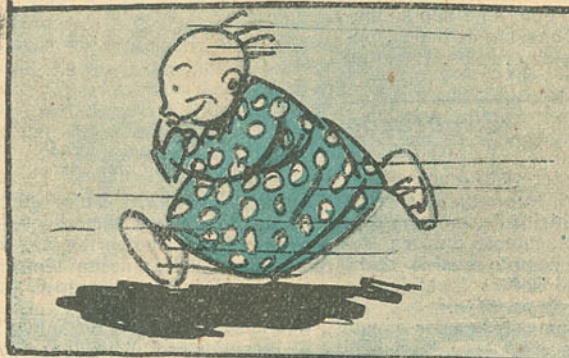
3.—Entretanto o Manecas, que não larga o celebre microfone da sua invenção, o qual em Faro daria sinal dos passos d'uma formiga em Melgaço, e vice-versa,

4.—ouve o ruído da lã dos pés e vai vêr o que se passa, pelo seu notabilissimo oculo, com o qual de Melgaço se avistaria um mosquito em Faro — vice-versa egualmente.



5.—Vê claramente que os bandidos escalam o muro da fabrica, mais agéis do que os Puertollanos,

6.—e logo põe em comunicação com o deposito de explosivos o seu assombroso relógio electrico.



7.—Em seguida safa-se, dando cebo ás suas velocissimas botas de 30:000 quilometros á hora.

8.—De aí a momentos a fabrica ia pelos ares, com trezentos milhões de ratos!

(CONTINUA).